

AS IMPLICAÇÕES DA TEORIA DE CARL RANSOM ROGERS PARA A EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS.

Implications of Carl Ransom Rogers' theory for science education.

Edilson Morais e Silva¹

Jéssica Amaral Morais²

Ierecê dos Santos Barbosa³

Resumo: Perceber-se como uma pessoa capaz de alterar sua própria condição e de conduzir seus processos de mudança nem sempre foram tarefas creditadas a pacientes (clientes para Carl Rogers) ou alunos. Carl Ransom Rogers foi o precursor de estudos que revolucionaram a área da psicologia clínica, difundindo-se daí para outros seguimentos, chegando à escola trazendo consigo um novo olhar sobre o aluno. Apresenta em sua teoria vários conceitos relevantes para o contexto educativo tais como: Campo fenomenal, Self, Self Ideal, Congruência e incongruência. Autores como Davidoff (2009), Fadiman & Frager (1986), Battaglia (2010) e o próprio Rogers (1997) nos ajudarão a compreender melhor essa teoria e desmistificar algumas crenças que persistem em vigorar em alguns espaços, principalmente no âmbito escolar. Este artigo compreende a uma revisão bibliográfica baseada em artigos, livros e sites da internet, uma abordagem instigante e emocionante do que entendemos aqui como reconhecidamente uma teoria da educação que por muitos ainda é negada, acredita-se que por falta de leituras aprofundadas no tema e pela ventilação desprovida de respaldo teórico que ora se percebe em muitos espaços. A teoria rogeriana vai além de uma visão passiva que acredita que o aluno é mero receptor ou que é incapaz de guiar, conduzir seus percursos investigativos, caminhos profissionais etc. Emite um sentido formativo ao professor que ajudará o aluno a reconhecer-se nessa caminhada rumo ao sucesso e realização pessoal.

Palavras chave: Campo fenomenal. Self. Self Ideal. Congruência.

Abstract: Perceiving oneself as a person able to change their own condition and to conduct their change processes were not always credited tasks to patients (clients according Carl Rogers) or students. Carl Ransom Rogers was the forerunner of studies that have revolutionized the field of clinical psychology, spreading from there to other segments, coming to school bringing a new perspective on the student. In his theory presents several concepts relevant to educational settings such as: Field phenomenal Self, Ideal Self, Congruence and incongruence. Authors such as Davidoff (2009), Fadiman & Frager (1986), Battaglia (2010) and himself, Rogers (1997) will aid us to better understand this theory and demystify some beliefs that persist in effect in some areas, especially in schools. This article includes a literature review based on articles, books and websites, an intriguing and exciting approach from what we understand here as a recognized educational theory that is still denied by many, it is believed that lack of depth readings on the theme and by ventilation devoid of theoretical support that is now perceived in many areas. Rogerian theory goes beyond a passive view which believes that the student is a mere receiver or is unable to lead, to lead their investigative pathways, career paths etc. Emits a formative sense to the teacher that will aid students to recognize themselves in this path to success and personal fulfillment.

Key words: Phenomenal Field. Self. Self Ideal. Congruence.

¹ Profissional de Educação Física, Pós-graduado em Docência Universitária, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia da UEA, – Programa do Observatório de Estudos/CAPES - POE, Brasil. E-mail: edilsongadita@yahoo.com.br

² Graduada em Licenciatura Plena em Matemática. Universidade Federal do Amazonas-UFAM, Brasil. E-mail: jessicalarama@yahoo.com.br

³ Pedagoga, Bacharel em Comunicação Social, Mestre e Doutora em Educação, Professora do PPGECA - Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia da Universidade do Estado do Amazonas, Brasil. E-mail: ierecebarbosa@yahoo.com.br

Introdução

Carl Ransom Rogers, nascido em 08 de janeiro de 1902, psicólogo americano que por mais de 30 anos atuou como psicoterapeuta, agregando contribuições inestimáveis à prática clínica e educação, pioneiro do movimento de Grupos de Encontro e um dos fundadores da Psicologia Humanista. Dentre suas principais obras encontram-se: *“The Clinical Treatment of the Problem Child”* (1939) em Rochester. *“Terapia Centrada no Cliente”* (1951), *“Tornar-se Pessoa”* (1961), o artigo *“Pressupostos Correntes sobre Educação Universitária: Uma Exposição Apaixonada”* (1969), *“Liberdade para Aprender”* (1969), *“Grupos de Encontro”* (1970) e *“Novas Formas de Amor”* (1972).

Rogers influenciou tanto a psicologia como os conceitos na área da liderança na indústria (também na área militar), serviço social, enfermagem, assistência religiosa e, estudiosos da filosofia e teologia. Sua prática inovadora de trabalhar terapêuticamente com indivíduos teve início na década de 30 e a partir de então, evoluiu em conceito de “técnica” de aconselhamento para prática de psicoterapia que se transforma em teoria de terapia e de personalidade a qual forneceu hipóteses que alavancaram um novo campo de pesquisa, alcançando todos os níveis de relações interpessoais chegando à educação (FADIMAN & FRAGER, 1986).

O contexto histórico

Carl Ransom Rogers (1902 – 1987), nascido em Oak Park, Illinois, numa família que expressava fundamentos rigorosamente religiosos e tradicionais, proporcionando-lhe uma infância muito limitada. Seus pais nutriam uma esfera intelectual, ambos tinham formação superior, valorizavam mais o trabalho físico e intelectual, não sobrando muito tempo para investir em lazer. Apesar de todo interesse científico que ele desenvolvera, sempre encontrava oportunidade de ajudar nas tarefas diárias da família. A fé de seus pais delineava limites muito claros e que norteavam suas escolhas de relacionamento, levando-o praticamente ao isolamento nos anos de meninice. Já no Colegial afirma ser excelente estudante, no entanto, segundo ele, era socialmente incompetente em qualquer tipo de relacionamento que não fosse superficial.

Foi na Universidade de Wisconsin que esse quadro de isolamento começou a mudar. No segundo ano na Faculdade começa a estudar para o ministério religioso e no terceiro ano viaja para uma conferência da Federação Mundial de Estudantes Cristãos em Pequim, daí uma excursão pela China Ocidental que o ajuda a adquirir autonomia, divergindo de opiniões sustentadas até então por seus pais.

Rogers começa a cursar graduação em Teologia no *Union Theological Seminary*, mas opta por terminar seu trabalho em psicologia no *Teachers College*, na Universidade de Colúmbia, onde teve a oportunidade de examinar dúvidas recorrentes e crescentes a respeito de seu comportamento religioso. Trabalha durante 12 anos em Rochester, Nova Iorque, num Centro de Orientação Infantil, sem estar ligado a qualquer Universidade e sem qualquer supervisão ou orientação, unicamente o desejo por parte das agências sociais que assistisse às crianças. Tal liberdade amplia sua compreensão sobre o processo de psicoterapia e direcionando-o a novos olhares a respeito da perspectiva formal e diretiva.

Algumas obras

Do trabalho desenvolvido em Rochester, a visão outrora formal e diretiva toma novo sentido, chegando ao que se conhece como “Terapia Centrada no Cliente”. Ainda em Rochester, motivou a proposta de magistério na Universidade do Estado de Ohio com o livro: *“The Clinical Treatment of the Problem Child”* (1939). Em *“Psicoterapia e Consulta”* (1942) Rogers faz um exame mais formal sobre a natureza da relação terapêutica.

Em 1945, passa a ser diretor de um centro de aconselhamento fundamentado em suas próprias idéias. Experiência que durou 12 anos e centrou-se na confiança no paciente para dirigir sua própria terapia, partindo desse pensamento para a confiança que as equipes poderiam administrar seus próprios ambientes de trabalho. Em 1951, sob a força dessas experiências publica o livro: *“Terapia Centrada no Cliente”*, nele sugere que a maior força orientadora da relação terapêutica deveria ser o cliente, não o terapeuta. Conceito revolucionário para época e que atraiu muitas críticas.

Seguido do livro: *“Tornar-se Pessoa”* (1961), uma de suas principais obras, muito útil às pessoas que têm profissões de ajuda por trazer de forma pessoal, prática e extensiva os principais temas por ele trabalhados.

A indignação iniciada em 1957 na atuação profissional na Universidade de Wisconsin, em Madison, surgira após sentir-se limitado em sua liberdade para ensinar e aprender com os estudantes e aparece no artigo: “Pressupostos Correntes sobre a Educação Universitária: Uma exposição Apaixonada” (1969). Rogers ataca alguns pressupostos como: *“Não se pode confiar que o estudante busque sua própria aprendizagem profissional e científica”*. *“Avaliação é educação; educação é avaliação”*. *“Aprendizes passivos podem se tornar estudantes criativos”*.

Rogers deixa o magistério em 1963 e vai para La Jolla, Califórnia (Instituto Ocidental da Ciência do Comportamento) e ajuda a estabelecer o Centro de Estudos da Pessoa, seus estudos ganharam proporções muito grandes na área da educação e levaram-no a escrever: *“Liberdade para Aprender”* (1969) esclarecendo seu posicionamento relacionado aos tipos de condições educacionais que defendia.

Atuou por 12 anos na Califórnia em grupos de encontro, experienciando de forma livre, não restritiva e desvinculada de quaisquer responsabilidades acadêmicas. Tal experiência é resumida na obra: *“Grupos de Encontro”* (1970). O autor também avalia vantagens e desvantagens de diversos padrões de relacionamento em: *“Novas Formas de Amor”* (1972). Leciona por pouco tempo na Universidade Internacional dos Estados Unidos em San Diego e depois se dedica em tempo integral ao Centro de Estudos da Pessoa. Como se pode perceber, sua teoria não se desenvolveu por influência de outrem, apesar de depois o próprio autor encontrar focos de pensamento semelhantes aos seus em fontes orientais, no Zen Budismo e nos trabalhos de Lao Tsé, no entanto, para sua teoria, baseou-se unicamente em suas experiências clínicas.

A Associação Americana de Psicologia o elegeu por duas vezes presidente e o congratulou com prêmios de melhor contribuição científica e de melhor profissional. Carl R. Rogers visitou o Brasil em 1977 e 1978. Em 1979, após 55 anos de casado, perde sua esposa Helen Elliot a quem conhecia desde a infância e com quem posteriormente teve dois filhos: “David Elliot Rogers (1926)” e “Natalie Rogers

(1928). Retorna ao Brasil em 1985 realizando entrevistas, encontros e conferências e vem a óbito dois anos depois, em 5 de fevereiro de 1987, mesmo ano em que é indicado ao Prêmio Nobel da Paz, aos 85 anos de idade (PORTAL SÃO FRANCISCO, s/d, p. 4).

Os principais conceitos da teoria de Rogers

Para Rogers, as pessoas usam sua experiência para se definirem. Por meio de sua obra (1959), veio a compreensão à respeito de como as pessoas podem construir e modificar o conceito de si mesmas. Tal mudança para Rogers é uma progressão natural e esperada.

O Campo Fenomenal - “As palavras e os símbolos estão para a realidade na mesma relação em que um mapa para o território que o representa... Vivemos num “mapa” de percepções que nunca é a própria realidade”. Rogers (1951) citado em Fadiman & Frager (1986, p. 226).

O campo fenomenal é indispensável ao sujeito. Sensações, percepções, eventos só podem chegar à consciência caso seja focalizada neles a atenção, ou seja, concentra-se em preocupações imediatas para exclusão de quase tudo mais. O campo fenomenal ou campo da experiência entende-se como individual, pessoal, privativo, podendo ou não corresponder à realidade objetiva, estando ‘disponível’ à consciência.

Self - Dentro do campo da experiência está o *self*, algo não fossilizado, nem inerte, estático ou imutável. A teoria rogeriana refere-se ao *self* como uma amostragem do contexto experiencial a fim de observá-la para possíveis reorganizações, ou seja, o *self* consiste num processo constante de reorganização à medida que as situações mudam, um contínuo vir a ser, contínuo processo de reconhecimento, contínuo ressignificar-se. Esta crença na reestruturação que parte de um auto-reconhecimento e está no cerne da crença de Rogers é baseada em experiências passadas, estimulações presentes e expectativas futuras. É no *self* que reside a tendência para realização.

Self Ideal - “O conjunto das características que o indivíduo mais gostaria de poder reclamar como descritivas de si mesmo”. Rogers (1959) citado em Fadiman & Frager (1986, p. 227). Sendo assim, o *self* ideal nada mais é do que o autoconceito desejado, um modelo pelo qual a pessoa pode se esforçar. O *self* ideal também se configura como uma estrutura móvel e variável, que se ressignifica constantemente. É aquilo que não sou, mas gostaria de ser, todavia, o *self* ideal desencadeará risco à saúde pessoal caso se distancie muito do *self* real. Pessoas com esse sintoma geralmente não fazem distinção entre idéias e atos.

Em contrapartida possuímos um impulso natural para sermos mais competentes, tal qual uma semente carrega em si o impulso para tornar-se uma árvore, um ser humano carrega consigo o impulso para tornar-se uma pessoa inteira, auto realizada. Essa suposição é o cerne do pensamento rogeriano.

É na busca pela consideração positiva dos outros, que o homem se aliena de si mesmo, falsificando alguns valores, assumindo para si o que é importante para realização de outros. Rogers não aponta essa atitude como selecionada conscientemente, mas sim algo natural, decorrente do período de infância.

Congruência - Congruência comumente é compreendida como conveniência, coerência, acordo. No entanto, Rogers, em (ACP) Abordagem Centrada na Pessoa, se apodera deste termo para descrever o grau de exatidão entre a experiência da comunicação e a tomada de consciência, apontando, com isso, as relações de semelhança entre o que sentimos, falamos e expressamos em nosso campo relacional, ou seja, é um espelho da experiência do cliente. A exemplo de congruência podemos evocar a memória a figura de uma criança pequena que ao estar com fome difere-se dos adultos que muitas vezes passam horas sem comer sem, todavia falar sobre o assunto, sem demonstrar de imediato, sem expressar. Quando a criança está com fome tudo nela indica isso.

Incongruência - Comumente entendida como falta de harmonia, conformidade ou concordância. Para Rogers, apresenta-se quando há diferenças entre a tomada de consciência, experiência e a comunicação desta. Revela-se no comportamento antagônico ao discurso, a exemplo disso estão as pessoas que de sobrancelhas franzidas, punhos cerrados, tom de voz elevado replicam não estar com raiva. É definida não só como inabilidade de perceber, mas também, como a incapacidade de comunicação precisa. Ela pode naturalmente ser sentida como ansiedade, tensão ou em última instância, confusão interna, quando a discrepância entre a realidade externa e o que ele está sentindo é muito grande, há a suspensão da atuação do sujeito.

A incongruência pode ser percebida nas falas: “não sou capaz de tomar decisões”, “Não sei o que quero”, ela aparece na incapacidade de escolher entre os estímulos a que o sujeito é exposto (FADIMAN & FRAGER, 1986).

Rogers centra sua terapia na retomada das forças de saúde, que são possíveis à medida que o que é prejudicial vai sendo rejeitado pela pessoa. Em havendo o estabelecimento de uma atmosfera que rechace o que é negativo, o processo de restabelecimento da ordem se instaura naturalmente. Para o autor os relacionamentos são extremamente necessários na descoberta do self real, uma vez que nossas personalidades tornam-se visíveis a nós, nos ofertando a grata oportunidade de nos experimentarmos (FADIMAN & FRAGER, 1986).

Essa reunião com o processo orgânico de valoração se dá para Rogers pelo fato de orientar-se pelos insights do cliente e não do terapeuta, daí a denominação de terapia centrada no cliente, que busca nos sentimentos do mesmo a mobilização da força geradora de crescimento da tendência para realização.

A abordagem rogeriana acredita que a resposta para o conflito surge do próprio cliente ou aluno, que este tem as respostas e basta apenas descobrir-se positivamente no diálogo e aceitação entre os pares. Os estudos de Rogers foram introduzidos no campo educacional com muito sucesso, trazendo a tona o diálogo, a escuta e a consideração pelos sentimentos e expressões dos alunos. Tal teoria capacita a trabalhar no currículo a mediação por meio de jogos de papéis e conflitos simulados (BATTÁGLIA, 2010, p. 4). Emergindo no reconhecimento, expressões e respeito às emoções, controle da impulsividade, manejo da raiva, escuta ativa, comunicação eficaz e técnicas de resolução de problemas.

Na auto aceitação, Rogers mostra a importância de não sermos moldados pelos desejos, regras, papéis que os outros estão ansiosos a nos fazer aceitar (ROGERS, 1972). Ele trabalha com a orientação precisa da expressão do sentimento, onde não há repressões, e se pode ser quem realmente é. Permitindo ao aluno viver e ser

toda a complexidade de sentimentos, valores e significados com seus pares e demais, inclusive consigo mesmo. De fato, tal abordagem permeia o sentido real da palavra liberdade, que indica um caminho aberto para ser uma pessoa de verdade. Ele apóia a confiança nos impulsos interiores e encoraja o fazer por si mesmo com o apoio de outrem, do que a passividade de permitir que os outros decidam em seu lugar. Acreditava e baseava-se no impulso interno do cliente para o crescimento, saúde e adaptação. Todo ser humano, segundo ele, é tendencioso ao crescimento e somente o processo de reorientação a si e o respeito aos seus impulsos internos chega a ser pleno enquanto pessoa.

Sua teoria ainda hoje sofre divergências por parte de alguns teóricos. Ele mesmo se contrapõe a algumas teorias. A teoria de Carl R. Rogers inicialmente aplicada a psicologia clínica, tomou forma de Teoria da Educação, embora muitos tenham dificuldades de aceitá-la como tal. É mais fácil ainda para muitos educadores, as atitudes de repressão, o condicionamento operante, as ameaças. Muito na educação ainda é voltado para uma prática imposta. Rogers se opôs ao behaviorismo, criado por Watson, inspirada no comportamento reflexo (Pavlov). A teoria de Watson salienta a previsão e controle do comportamento, entendendo o homem como ser passivo, governado por estímulos externos. Rogers entende o homem como capaz de fazer suas escolhas, uma vez que é consciente. Isso faz toda a diferença entre as duas teorias (behaviorismo e humanismo), o comportamento humano é a consequência do ser interno, Rogers acreditava num mundo interno desenvolvendo-se para uma organização e organizando-se para o desenvolvimento, o que o autor chama de tendência para realização.

É importante também, salientar que na Teoria de Rogers a palavra “paciente” é substituída por “cliente”, uma vez que o paciente é alguém que está doente, necessitando de ajuda de profissionais formados. Cliente, todavia, é alguém desejoso de serviços e que pensa não poder realizá-lo sozinho. A diferença está na sutil compreensão de que a pessoa é capaz de se ver no processo, de ser capaz de entender sua própria situação. No âmbito da educação está mais atrelado ao processo de gerar autonomia no aluno, de fazer que este se veja participante de um processo de intencionalidades que só serão úteis para sua vida caso este esteja engajado especificamente e internamente consigo mesmo. Assim, na teoria rogeriana a pessoa tem a chave para sua recuperação e o terapeuta, deve ter determinadas qualidades pessoais que ajudem esse cliente a aprender a usar tais chaves (FADIMAN & FRAGER, 1986). Em se tratando de educação não é diferente, o professor assume a figura de mediador, com possibilidades de gerar no aluno a autonomia tão desejada em busca do conhecimento.

Durante anos a educação esteve presa a modelos mecanicistas, Rogers se mostra contrário às imposições de comportamento, uma vez que acredita na capacidade de auto avaliação do aluno, sendo o professor capaz de em meio aos conflitos com o aluno e/ou entre os alunos, “manter uma consideração positiva e incondicional”, isso é extremamente difícil para alguns docentes que já trabalham há tanto tempo com condicionamento, tais articulações fogem aos saberes emocionais de alguns profissionais.

As ideias de Carl Rogers e a educação em ciências

Estudar as teorias de Carl Rogers demonstra percorrer um caminho cheio de conquistas e surpresas referentes à educação em Ciências, pois a mesma, tem traçado grandes desafios às tecnologias que apontam para os avanços como perspectivas de um novo tempo na área da educação.

A Lei nº. 9394/96 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional traz referências a respeito da tecnologia como domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna (art. 35), no qual estimula ao trabalho de pesquisa e a investigação científica visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia (art. 43).

Baseando-se na lei e artigo supracitado pode-se dizer que esta relação de educação e tecnologia vincula os estudos à análise, juntamente com o contexto educacional atual. Sua teoria convida levar a todos à uma reflexão sobre as mudanças necessárias no relacionamento entre professor e aluno proporcionando transformações intensas, tanto no comportamento de ambos como na busca de novos saberes.

Rogers considera a ciência comportamental como uma forma de manipulação da mente do ser humano e aborda os fenômenos complexos de terapia com a lógica e os métodos da ciência, objetiva o trabalho direcionado a uma compreensão dos mesmos. A ciência pode também dar a possibilidade de previsão de tipos de resultados.

Junto a essas questões relacionadas à ciência, Carl Rogers aborda também o processo educacional trabalhando a dimensão da afetividade dos sentimentos e da criatividade. O indivíduo não só aprende com a educação, como também se posiciona frente aos fatos e à realidade que existe dentro e fora dele. E, isso ocorre diretamente no relacionamento interpessoal entre professor e aluno, juntos caminhando para o aprendizado significativo, ou seja, um aprendendo com o outro todos os dias.

A compreensão desse processo de relação interpessoal perpassa por várias experiências de cada indivíduo envolvido, em que Rogers defende a teoria da aprendizagem centralizada na pessoa.

O ato de ensinar para Rogers é mais que transmitir conhecimentos, é despertar, é instigar o aluno a ir além do conhecido e educar para a vida e para novos relacionamentos.

As idéias de Rogers são de valorizar o indivíduo como um todo. Na educação moderna só está sendo valorizada a parte intelectual, como se o conhecimento cognitivo pudesse ser separado das vivências do ser humano (mente, corpo, sentimento e intelecto). Nesse sentido, suas intenções não foram esgotadas contribuindo com estudos científicos para a educação em Ciências tanto na área da psicologia quanto na área de Educação, apresentando algumas reflexões que se espera ser estudadas como contribuições.

A importância do ensino de ciências pode ser considerada quando se propõe a gerar conhecimentos através de alguns subsídios que a própria teoria de Rogers representa, na qual se destaca a teoria da Aprendizagem centrada na Pessoa. O autor como psicólogo, faz especificamente reflexões sobre a prática terapêutica numa relação entre cliente-terapeuta e a do cliente consigo próprio.

Desse modo, o ensino de ciências se coaduna com as teorias que Rogers sempre defendeu, destacando assim a importância dada aos sentimentos de seus clientes, não só movido pela emoção, mas também pelos resultados satisfatórios deles na qual Rogers pôde experimentar tal realidade. Para que haja uma aprendizagem satisfatória, este cliente que se encontra passivo, reativo no processo precisa ser estimulado a se ver como autor, a perceber o self real, a necessidade e o porquê de aprender, a construir um self ideal e buscá-lo. O professor não mais dará as respostas, mas fará perguntas as quais o aluno buscará responder para si mesmo e no processo de forma consciente (ROGERS, 1997).

A aplicação da teoria de Rogers vem ao encontro da necessidade desse cliente que não vê motivo em aprender, sua importância nesse processo. Ele está alheio às exigências de si mesmo em crescer, evoluir como pessoa, sujeito, alheios às dificuldades que tem. Estão passivos, sem entender o sentido do que estão fazendo na escola, esperando as respostas e comandos. Limitados em seu desinteresse em aprender (POZO & CRESPO, 2009).

As ciências do comportamento e a pessoa

O poder crescente das ciências comportamentais

Rogers sustentava opiniões muito divergentes quanto ao uso do conhecimento científico para moldar ou controlar o comportamento humano.

A ciência comportamental, relacionada à sua infância incluída nas disciplinas científicas como: psicologia, psiquiatria, sociologia, psicologia social, antropologia e biologia, deram passos poderosos rumo a tornar-se uma ciência. Embora estudiosos cuidadosos nessas áreas tendam a enfatizar a enormidade ignorância científica com relação ao comportamento, eles tendem a comparar o estado dessa área de empenho científico aquele da física onde, mostraram-se totalmente imaturos a respeito do campo da ciência comportamental.

Rogers ainda afirma:

Creio que pouquíssimas pessoas estão conscientes da extensão, da amplitude e da profundidade dos avanços que têm sido feitos nas últimas décadas nas ciências comportamentais. Menos ainda parecem estar conscientes dos profundos problemas sociais, educacionais, políticos, econômicos, éticos e filosóficos colocados por esses avanços. Gostaria, nesta palestra e na subsequente, de realizar vários propósitos. Primeiro, gostaria de esboçar, de uma maneira impressionista, um quadro da capacidade crescente das ciências comportamentais em compreender, prever e controlar o comportamento. Então, de ressaltar como indivíduos as questões e problemas sérios que tais conquistas colocam para nós como indivíduos e como sociedade (ROGERS, 1997, p.423).

Desse modo, observa-se a posição de Carl Rogers a respeito de um olhar específico na área das ciências comportamentais e suas conquistas através de suas experiências que trazem resultados satisfatórios ao indivíduo.

Aprendizagem significativa: na terapia e na educação

Carl Rogers no livro “Tornar-se Pessoa”, enfatiza sobre o significado das hipóteses da terapia centrada no cliente no domínio da educação, apresentando uma tese que destaca as implicações que a psicoterapia tem para a educação.

Rogers acredita que a aprendizagem significativa ocorre quando há uma alteração no comportamento do indivíduo, na orientação, na ação futura que escolhe ou nas suas atitudes e na sua personalidade. “É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência” (ROGERS, 1997, p.322).

Nesse sentido, essa aprendizagem acontece quando o indivíduo começa a perceber-se demonstrando modificações tanto no ato de pensar e de ser.

Rogers fala de aprendizagem como algo vivenciado envolvendo emoções com resultados satisfatórios e ele a diferencia da aprendizagem teórica em que o aprendiz executa a assimilação sem compreensão profunda dos fatos.

Apresenta ainda, algumas considerações de um professor-facilitador para essa aprendizagem significativa:

- liberdade ao aluno que o permita a explorar, questionar e incentivado pela curiosidade tome direções ditadas pelos seus próprios interesses.

- Probabilidade de sucesso tanto para o professor quanto para o aluno, quando o professor exerce a autenticidade de facilitador.

- Aceitação e confiança do aluno adquirida através do perfil do facilitador permitindo que o aluno se sinta importante, um indivíduo diferenciado entre todos frente ao processo de aprendizagem. (ROGERS, 1985).

Considerações Finais

A teoria rogeriana abriu caminhos para novas formas de compreensão do aluno, que de “*dependente e passivo*” pode se tornar “*autônomo e criativo*”. Várias teorias da educação surgiram após seus estudos como fruto da dedicação e do inconformismo latente na personalidade desse autor. Paradigmas foram e estão sendo quebrados na educação, como as aulas, que eram ministradas soberanamente pelo professor, sem que o aluno pudesse participar ativamente demonstrando o que sabe e, contextualizando o que está sendo ensinado a atualidade, ao enredo em que vive, ao seu núcleo familiar, suas vivências. Outras teorias da educação enredam pelo mesmo pensamento em que o aluno apresenta potencial, é semente a ser germinada. Cabe aos professores oportunizarem momentos de discussão, despertando a curiosidade. Sair do comodismo encerrado em aulas prontas e sem alegria da descoberta. Ciência é viva, bem como a sala e seus integrantes: alunos, gestores, professores, assim sendo, se transforma a cada novo encontro, a cada contato, a cada novo olhar.

Outro paradigma destacado seria o da capacidade de reflexão, identificação e mudança. Atualmente novas teorias surgem na área da educação, ratificando de certa forma, o que Rogers identificou: “O aluno é capaz de conduzir seu processo de reflexão, análise e mudança”.

A autonomia hoje tão desejada foi uma das características do estudo desse autor. Essas e várias outras contribuições estão subjetivamente claras e disponíveis, estão

imbuídas nos estudos de Rogers e são necessárias leituras e releituras, tal qual ouro precisa ser garimpado e purificado, a pesquisa ainda continua sendo o meio mais eficaz para desvelarmos o passado presente e futuro, uma vez que o que fizemos aqui foi apenas abrir caminhos a novos olhares e novos possíveis questionamentos. A teoria rogeriana como teoria da educação é negada por alguns que a nosso ver precisariam pesquisar mais cuidadosamente, evitando assim, comentários advindos de olhares descuidados, de certa forma, “preguiçosos” e “viciosos” por parte de quem não se deu o trabalho de pesquisar, se atendo a algumas superficialidades que circulam nos espaços virtuais (*internet*).

Há de se ter cuidado para que estudos pioneiros e precursores de novos olhares como o de Rogers não caiam no esquecimento. Carl Ransom Rogers transcende a psicologia clínica e com toda certeza é ponte para novos estudos e quebras de paradigmas na área da educação.

Referências

BATTÁGLIA, M.C.L. **Mediação Escolar: Uma tecnologia de aprendizado em administração de conflito**. 2010. Disponível em: <<http://www.encontroacp.psc.br/>>. Acesso em: junho de 2012.

DAVIDOFF, L.L. **Introdução à Psicologia**. 3. ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 2009.

FADIMAN, J.; FRAGER, R. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Harbra, 1986.

ROGERS, C.R. **Tornar-se Pessoa**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROGERS, C.R. **Novas Formas do Amor**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Martins Fontes, 1997.

PINTO, M.A.S. **Portal São Francisco**. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/calr-rogers/biografia-calr-rogers-4.php>>. Acesso em: maio de 2012.

POZO, J.I.; CRESPO, M.A.G. **A Aprendizagem e o Ensino de Ciências: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.